

EDUCAÇÃO

Barulho nas escolas preocupa especialistas

Pesquisa realizada pela **Unicamp** aponta que mais de 70% deles estão insatisfeitos com nível de ruído em sala de aula

REDAÇÃO

Este é o período em que as crianças voltam às aulas em todo o país. E, junto com a animação em conhecer ou rever os coleguinhas e a escola, vem o barulho típico da criança fazendo algazama no pátio, na sala de aula, ou correndo e gritando pelos corredores. É um cenário natural na infância que esconde um sério problema: os danos à audição que podem começar já nessa fase. É fato que não se pode reprimir a alegria, mas é preciso impor limites. O excesso de ruído pode causar diversos prejuízos à saúde, como estresse, falta de concentração e até uma progressiva perda auditiva, que às vezes pode ser sentida apenas na idade adulta, mas ter início já nos primeiros anos de estudo, em meio ao barulho na sala de aula e em outros ambientes da escola.

Pesquisa realizada pela **Unicamp** com cerca de 700 estudantes, de 6 a 14 anos, de escolas municipais, estaduais e particulares de Campinas (SP), apontou que mais de 70% deles estão insatisfeitos com o nível de ruído em sala de aula. Além disso, para 99,2% dessas crianças e adolescentes, as maiores fontes de barulho na escola são os próprios colegas.

A barulheira das crianças tem efeito cascata. Uns gritam para fazer sua voz ser ouvida em meio ao barulho de outros alunos. E o professor, por sua vez, é obrigado a falar ainda mais alto em uma tentativa de se fazer compreender; sem falar no arrastar de cadeiras e nos ruídos externos, como o do trânsito, por exemplo. Tudo isso junto tira a concentração dos alunos, atrapalha o raciocínio e ainda traz riscos à audição.

O Centro de Estudos do Distúrbio da Audição, de São Pau-

lo, também fez um levantamento junto aos alunos do 5º ano do ensino fundamental II e observou que, quando expostos a ruídos, eles leem mais rápido, dão menos ênfase à entonação e desrespeitam as regras de pontuação.

“É preciso ficar atento para possíveis danos auditivos, principalmente nas crianças, que muitas vezes podem passar despercebidos. É necessário avaliar a audição dos pequenos principalmente no início da fase escolar, para evitar prejuízos de aprendizagem ou mesmo o agravamento de distúrbios já existentes”, aconselha Marcella Vidal, fonoaudióloga.

De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) o limite de barulho dentro da sala de aula é de 40 a 50 decibéis. Porém, no dia a dia, o ruído chega a atingir 80 decibéis, principalmente em salas com mais de 25 estudantes. Além disso, o ruído no pátio, na hora do recreio, pode chegar a mais de 100 decibéis. O limite suportável para o ouvido humano é de 65 decibéis, de acordo com a Organização Mundial de Saúde.

Quem mais reclama são os professores. Depois de anos e anos de exposição diária a esse “barulho ensurdecedor”, alunos, mestres e funcionários podem ter a audição comprometida, já que a Perda Auditiva Induzida por Níveis de Pressão Sonora Elevados (PAINPSE) tem efeito cumulativo. Quanto maior a exposição a ambientes barulhentos ao longo da vida, maiores as chances de danos à audição.

“O contato com sons muito altos faz com que as células ciliadas, que ficam dentro do ouvido, sejam danificadas. Essas milhares de células lesadas podem causar zumbido ou a sensação de ‘ouvido tampado’.



Ruído frequente pode acarretar danos à audição de alunos e professores, afirma pesquisa realizada na **Unicamp**

Essa sensação normalmente desaparece nas 12 horas seguintes à exposição ao barulho. Mas se o ruído for frequente, as células ciliadas podem se degenerar e, como não se regeneram, instala-se uma perda auditiva”, explica a fonoaudióloga, especializada em audiologia.

Uma outra pesquisa desenvolvida pela Wakefield Research for EPIC Hearing Healthcare revelou que 15% dos professores americanos têm perda auditiva. Entre os demais profissionais, esse número não ultrapassou 12%. O estudo mostrou ainda que o problema afeta principalmente os docentes mais jovens. A taxa de perda auditiva foi de 26% entre os professores de 18 a 44 anos. Outro dado alarmante é que 27% dos professores suspeitam de problemas auditivos mas nunca procuraram tratamento.

O excesso de barulho não prejudica apenas a audição dos professores, mas também o seu desempenho como profissional. Não raro estes profissionais necessitam se afastar por estresse ou esgotamento, como a síndrome de burn out. Por isso a especialista alerta: “A exposição ao ba-

arulho na escola, somada às variadas situações de ruído em excesso no dia a dia – trânsito, televisão em volume alto, ouvir música com fones no ouvido – é preocupante, já que pode acarretar problemas para ouvir cada vez mais cedo”, alerta a fonoaudióloga da Telex.

EXAMES

Dentre as medidas que as escolas podem tomar a fim de amenizar o excesso de barulho está melhorar a acústica nas salas de aula por meio de isolamento acústico, a fim de diminuir a reverberação de ruído.

“Conter o excesso de barulho nas escolas é uma tarefa bastante complicada, mas que pode ser posta em prática com campanhas de conscientização, materiais informativos e palestras. É importante também que a direção das escolas promova exames periódicos em alunos e professores, intervindo precocemente caso seja identificado algum problema, mesmo que pequeno. Isso serve de alerta e evita que ocorram prejuízos no aprendizado das crianças e na carreira dos professores”, conclui Marcella Vidal.